

Sindicalistas discutem uso, riscos e substituição do amianto nas indústrias

por Hudson José
de Curitiba

A utilização do amianto e seus riscos para a saúde do trabalhador vêm sendo amplamente debatidos por representantes das categorias profissionais, do governo federal e dos empresários. Assunto polêmico, as partes dividem-se quanto a qual deve ser a postura do País em relação ao asbesto, nome pelo qual também é conhecida a fibra: o uso controlado ou o seu banimento total, através da sua substituição. O amianto é considerado responsável por doenças pulmonares irreversíveis, inclusive o câncer.

A Central Força Sindical realizou ontem, em Curitiba, o Seminário Nacional para Uso Controlado ou Banimento do Amianto, que estabeleceu princípios, metas e posicionamento de ação da central em relação à utilização dessa espécie de fibra mineral, considerada cancerígena, em vários produtos industriais fabricados no Brasil. Durante o seminário, a discussão sobre o uso do amianto no mercado doméstico ficou definida como uma questão prioritária para o meio sindical.

Nos dias 28 a 30 deste mês, em outro seminário, a ser realizado em São Paulo, irá discutir o tema com todas as partes interessadas.

Na pauta de discussão, entre outros assuntos, deverá constar o trabalho realizado pela comissão tripartite criada em janeiro último, para estudar e apresentar formas alternativas ao uso do amianto e sua gradativa substituição. O acordo que originou a comissão foi assinado pelo Ministério do Trabalho, centrais sindicais e pelo Sindicato Nacional da Indústria de Componentes para Veículos Automotores (Sindipeças), e tem prazo de 60 dias (até 14 de março

próximo) para apresentar as primeiras conclusões. Para o dia 28 deste mês, está agendada uma reunião para definir a minuta que será encaminhada ao ministro do Trabalho, Walter Barelly, no setor de materiais de fricção — freios, embreagens e juntas.

“Vamos definir quais as consequências da utilização de outras substâncias e suas implicações políticas, econômicas e sociais”, disse à repórter Sandra Nascimento a engenheira da Delegacia Regional do Traba-

lho (DRT) de São Paulo, Fernanda Giannasi, uma das responsáveis pela fiscalização das empresas que utilizam o amianto no Estado de São Paulo.

O exemplo das indústrias do setor de fricção, que consomem 9% da produção de 250 mil toneladas anuais de amianto do Brasil e estão substituindo o mineral por materiais não cancerígenos, é o modelo apontado pelos sindicalistas para confirmar a possibilidade de reversão do quadro em outros setores.